

ANASTILOSE DE MONUMENTOS MEGALÍTICOS NO NORTE DO ALENTEJO E EXTREMADURA ESPANHOLA

Jorge de Oliveira(*)

(*)Catedrático Emérito da Universidade de Évora
Universidade de Évora, CHAIA[2023] - Research financed with Nacional
Funds through FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology,
within the scope of the fallow projects: Ref.º UIDB/00112/2020

Palavras-chave: Anastilose, Dólmen, Menhir, Alentejo, Extremadura

Resumo:

Nesta comunicação serão apresentados exemplos de reabilitação de monumentos megalíticos decorrente de mais de 40 anos de investigações arqueológicas efetuadas no norte do Alentejo e Extremadura espanhola. Sendo as estruturas megalíticas as mais antigas edificações arquitetónicas monumentais da humanidade as patologias que apresentam são múltiplas e muito diversas entre si. Por norma, a recuperação destas estruturas tem que ser antecedida de intervenções de carácter arqueológico que permitam identificar e reconhecer as melhores soluções para a sua preservação. Assim, nesta comunicação serão apresentados os resultados dos trabalhos efetuados em diferentes dólmenes e menhires, com cronologias que variam entre o 6º e o 3º milénios a.C..

Abstract:

This communication will be presented rehabilitation examples of megalithic monuments resulting from over 30 years of archaeological investigations carried out in northern Alentejo (Portugal) and Extremadura of Spain. Being the oldest megalithic structures monumental architectural buildings of humanity pathologies that present are multiple and very different from each other. Typically, the recoveries of these structures must be preceded by an archaeological nature of action to identify and recognize the best solutions for their preservation. Thus, this communication will present the results of the work carried out in different dolmens and menhirs, with timelines ranging from the 6th and 3th millenniums before Christ.

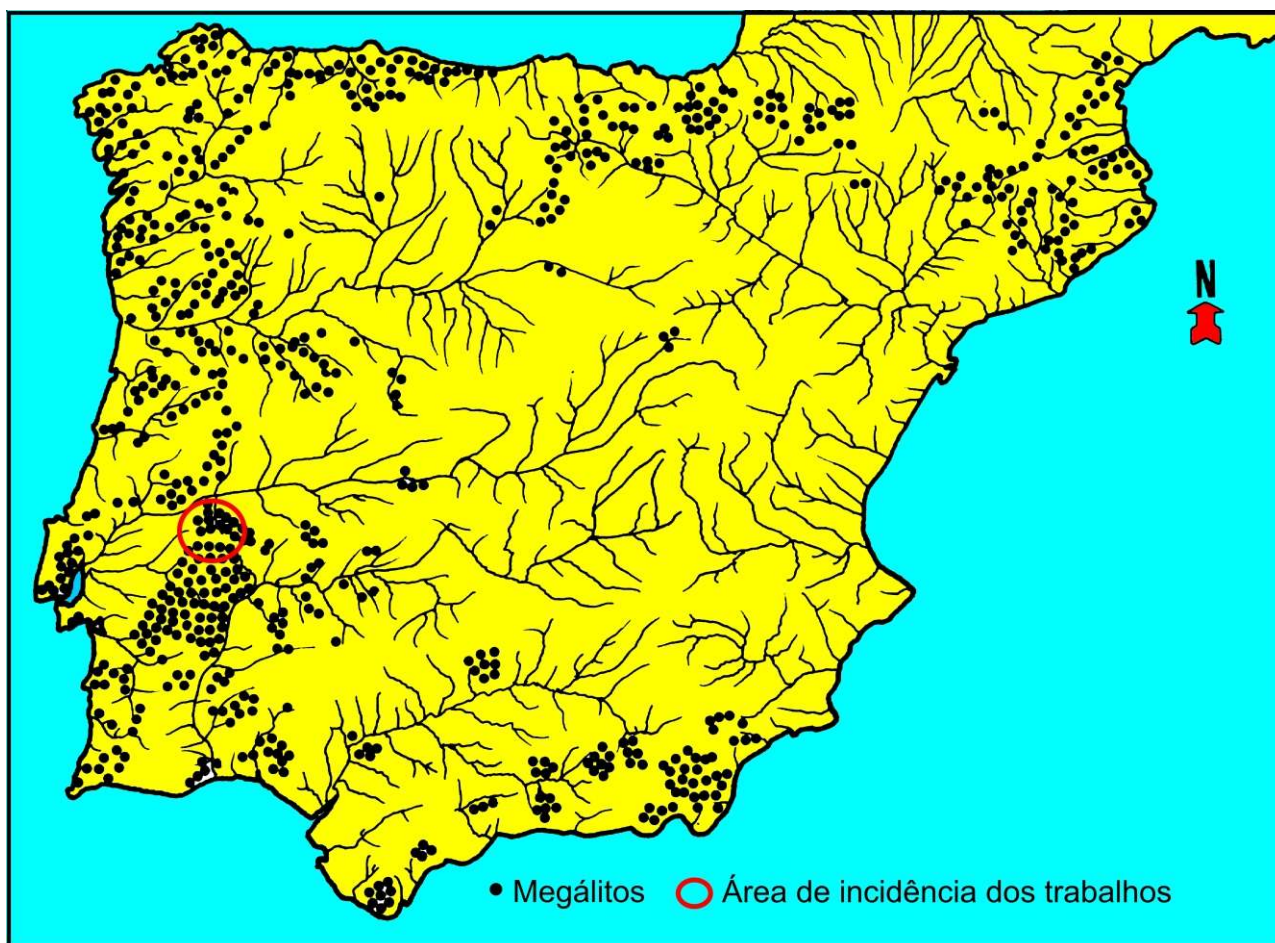
Previamente:

Se aplicarmos as recomendações da denominada "Carta de Veneza", aprovada pelo ICOMOS, em maio de 1964, qualquer intervenção arqueológica deverá contemplar, para além do que já a UNESCO recomendava em 1956 para o estudo científico de sítios históricos, todo um conjunto de cuidadosos critérios no que à conservação e sobretudo à reabilitação de monumentos arqueológicos diz respeito. Assim, no Artigo 15º da Carta de Veneza lê-se: "No entanto, todos os trabalhos de reconstrução deverão, à partida, ser excluídos. Apenas a anastilose, isto é a remontagem das partes existentes, mas desmembradas, poderá ser encarada. Os materiais de reintegração deverão ser sempre reconhecíveis e o seu uso deverá restringir-se ao mínimo necessário para assegurar a conservação do monumento e restabelecer a continuidade das suas formas." (ICOMOS, 1964)

Especifica ainda o Artigo seguinte que: "Todos os trabalhos de conservação, de restauro e as escavações deverão ser sempre acompanhados pela compilação de documentação precisa, sob a forma de relatórios analíticos ou críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, de consolidação, de recomposição e de reintegração, assim como os elementos técnicos e formais identificados no decurso dos trabalhos deverão ser anotados. Esta documentação deverá ser guardada nos arquivos de um organismo público e colocada à disposição dos investigadores, recomendando-se a sua publicação." (ICOMOS, 1964).

Assim, foram estas recomendações aplicadas em todas as intervenções que desenvolvemos em sítios arqueológicos, especialmente nos monumentos megalíticos, que desde 1980 até ao presente temos vindo a estudar e consequentemente a recuperar.

Nesta comunicação pretendemos, de uma forma resumida, apresentar apenas alguns dos trabalhos mais significativos de recuperação de monumentos megalíticos que desenvolvemos ao longo de mais de 40 anos, no Alto Alentejo e na Extremadura espanhola, especificamente no Termo Municipal de Cedillo. Foi sempre nossa preocupação ao longo dos vários projetos de investigação que desenvolvemos sobre megalitismo recolher o maior número de informações afetando o menos possível as estruturas dos monumentos. Porque temos e desde sempre tivemos perfeita consciência que uma escavação arqueológica, por mais minuciosa que seja, resulta sempre numa destruição patrimonial procurámos minimizar os efeitos dessas ações evitando afetar diretamente as estruturas e, sempre que possível, desenvolvendo ações de consolidação, colagem e /ou remontagem dos monólitos seus constituintes.



1 – Mapa do Megalitismo Peninsular

Foi também nossa preocupação constante e sempre que o monumento o possibilitava manter reservas arqueológicas suficientemente amplas para posteriores trabalhos de revisão estratigráfica. Estas reservas claramente evidenciadas nas plantas gerais de cada monumento estudado incidiram especialmente nas áreas das mamoadas. Nalguns casos evitaram-se reservas no interior dos monumentos por forma a não truncar a compreensão da utilização geral do espaço funerário. Contudo, por vários motivos, alguns monumentos sujeitos as escavações não sofreram qualquer decapagem na área da câmara.

As grandes dimensões de alguns monumentos e a sua precária estabilidade também nos obrigaram, em diversas situações, a evitar a escavação de significativas áreas das mamoadas e alvéolos, provavelmente de grande importância científica. A continuada ação dos trabalhos agrícolas em torno da maior parte dos monumentos provocou a quase total e generalizada destruição das estruturas pétreas que os envolviam. A maior parte dos esteios destes monumentos apenas se encontram estabilizados pelos calços que nos alvéolos os consolidam. A atual ausência das couraças líticas, fundamentais ao equilíbrio de forças que os esteios e as coberturas entre si exercem, criou um estado de equilíbrio precário que a menor movimentação de solos nas suas imediações pode provocar a sua total derrocada. Foi esta uma das significativas condicionantes dos trabalhos de escavação e sondagem desenvolvidos.

Nos mais de trinta monumentos megalíticos por nós intervencionados alguns foram-no exatamente como forma de minimizar ações de destruição perpetradas por atividades agrícolas, florestais ou mesmo por gratuito vandalismo. Os trabalhos então por nós realizados nalguns casos limitaram-se ao registo gráfico e fotográfico e recolha de espólios tal era o estado de destruição em que encontrámos os monumentos.

Metodologia genérica adotada na escavação e reabilitação de dólmene



Anta da Soalheira (Alter do Chão). Escavação

Apresentamos as nossas intervenções divididas em monumentos em granito e monumentos em xisto porque as metodologias de reabilitação foram substancialmente distintas atendendo ao volume e sobretudo à diferente resistência dos respetivos elementos arquitetónicos.

Os trabalhos de escavação e sondagem que efetuámos nos monumentos que são abordados neste estudo desenvolveram-se entre 1981 e 2017. Ao longo destes trinta e cinco anos a metodologia e a técnica de escavação não foram constantes, evoluindo, quer em termos de rigor e estratégia de abordagem, quer

em soluções de reabilitação, muito condicionadas pelos recursos disponíveis. Se esta natural evolução não possibilita o isolamento de um único modelo de trabalho, a variabilidade dos monumentos obrigou a soluções também distintas. Contudo, em todas as ações que envolveram movimentação de solos procedemos, antes de qualquer decapagem, a um levantamento fotográfico pormenorizado. Paralelamente efetuámos o levantamento topográfico do monumento e área envolvente. Concluído este primeiro levantamento procedia-se à limpeza por raspagem de toda a área a intervencionar por forma a retirar o coberto vegetal sem se alterar significativamente o relevo do terreno.

Limpa a área da escavação estabeleceram-se dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Norte - Sul e Oeste - Este, magnéticos, procurando-se, sempre que possível, que a sua interceção coincidissem com uma zona da área funcional do monumento procurando-se, assim, sempre que possível, que um dos eixos, o dos XX, seccionasse longitudinalmente todo o monumento. Esta situação ocorreu sempre que os corredores ou aberturas se orientavam, ou pouco se desviavam, dos 100 graus, Este.

A partir destes dois eixos ortogonais estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado que cobria todo o monumento e espaço envolvente, por forma a ultrapassar sempre a área provável da mamoa. Esta rede de quadrículas servia para a localização planimétrica (latitude e longitude) dos registos que houvesse necessidade de fazer ao longo da escavação.

É lugar-comum que uma escavação arqueológica é sempre uma destruição. Inúmeras vezes se comparou a decapagem estratigráfica efetuada durante uma escavação à destruição irremediável das folhas de um livro, à medida que se avançava na sua leitura.

Nos últimos anos, de forma mais ou menos clara, todos os arqueólogos mostraram reconhecer a importância do pormenorizado registo arqueológico e da reserva de testemunhos para, de algum modo, se obviar a uma irremediável destruição do *livro arqueológico*. O registo gráfico e fotográfico em diferentes suportes das projeções horizontais, por estratos e dos seus cortes em conjunto, a par da elaboração de um relatório pormenorizado das ações desenvolvidas, parecem ser as soluções mais generalizadas para a possível releitura das *páginas destruídas*. Por circunstâncias várias apercebemo-nos que é na segunda, ou posteriores leituras que o sítio escavado é melhor compreendido. Muitas vezes, por situações diversas e pressões múltiplas a leitura efetuada no campo carece do tempo de reflexão necessário sendo, quando ainda possível, completado já sobre a mesa do laboratório e sem possibilidade de confirmação.

Aponte-se o arqueólogo como um dos principais responsáveis pela destruição da informação arqueológica original, mas recorde-se que para proteger é necessário estudar e compreender e para isso, a maioria das vezes, é necessário escavar. Diz-nos a experiência que mais de oitenta por cento do tempo despendido no campo com a escavação de um monumento megalítico é ocupado no registo e recuperação do monumento. Torna-se claro, naturalmente, que serão os investigadores os que melhor poderão delinear a recuperação destes, ou de outros monumentos, porque são os únicos que, em pormenor, puderam durante a escavação identificar a técnica e os materiais utilizados pelos construtores originais.

Numa visão geral do estado de conservação do património megalítico da região que há várias décadas estudamos, verificamos que muitos monumentos apresentam vestígios de corte de pedra nos seus esteios e coberturas. Outros fatores contribuíram também para a destruição destes monumentos. De entre eles destacamos as violações e os sismos. Nos nossos dias com a mecanização da agricultura, maiores são ainda os estragos nos monumentos arqueológicos em geral e nos megalíticos em particular.

Se a escavação no interior dos monumentos funerários pode provocar irreparáveis problemas na sua estabilidade devido à extração dos enchimentos, tão ou mais perigosas parecem ser as profundas lavours que, destruindo as mamoas, anulam o contrapeso sobre a base dos esteios. As subsolagens para preparação dos terrenos destinados à plantação de eucaliptos, oliveiras e amendoeiras e o estabelecimento de pivots de rega automática parecem ser hoje a principal causa da destruição do património em geral e do megalítico em particular.

Ao longo dos nossos trabalhos de investigação várias foram as situações diagnosticadas que levaram a diferentes estratégias. Sumariamente passaremos a descrever alguns aspetos das ações de recuperação efetuadas

Dólmenes em granito

Dólmen da Bola da Cera – Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

Na câmara vários fragmentos de esteios e do chapéu impossibilitavam o acesso ao seu interior. No corredor eram visíveis dois esteios, encontrando-se um deles muito inclinado para o interior.

Para se proceder à escavação da câmara houve necessidade de remover o chapéu do seu interior e dos fragmentos de esteios. Decapou-se, igualmente toda a terra da mamoa, mas mantiveram-se *in situ* as pedras que a compunham. A escavação da mamoa possibilitou-nos compreender a sua técnica construtiva e perímetro.

Recuperação do monumento:

Após a escavação e à semelhança do que efetuámos na Dólmen dos Pombais procedeu-se à montagem de um muro de pedra no interior da câmara para apoio dos esteios. Os seus fragmentos e os da cobertura que haviam sido retirados do interior da câmara voltaram ao mesmo local. O esteio do corredor que se encontrava muito inclinado foi reposto na posição original e calçado com blocos de granito. Para evitar que eventualmente voltasse a ser deslocado construiu-se, também, em pedra seca, um pequeno muro transversal que internamente apoiava os dois esteios do corredor. Toda a área escavada foi posteriormente coberta com terra crivada.

Dólmen da Figueira Branca – Marvão



Anta da Figueira Branca (Marvão) – recolocação das terras no interior da câmara

Estado do monumento antes da intervenção:

Durante a escavação deste grande monumento percebemos que toda a estrutura arquitetónica tinha sido muito afetada por um violento sismo que provocou a fratura da maioria dos esteios mesmo junto à base ainda antes do monumento ter sido utilizado. Assim a câmara e o corredor apresentavam-se totalmente vazios, mas cobertos pelos esteios fraturados. O chapéu encontrava-se tombado e, igualmente fraturado junto à câmara funerária.

Recuperação do monumento:

O trabalho de recuperação ficou limitado à justaposição dos cinco fragmentos em que se encontra fraturado o chapéu e à construção de um muro de pedra seca no interior do monumento para consolidação dos esteios. Os alvéolos de fixação dos desaparecidos esteios do corredor foram preenchidos com pedra miúda e posteriormente cobertos com terra crivada. A principal e mais morosa ação de recuperação incidiu sobre a mamoa. Colmataram-se as falhas no revestimento lítico com pedras dispersas na zona, de calibre idêntico ao das que ainda se conservavam *in situ*. O anel composto por pedras de maiores dimensões que delimitava o perímetro geral da mamoa foi reconstituído nos locais mais afetados. Posteriormente toda a área do monumento foi coberta com uma camada de terra com cerca de cinco centímetros para consolidação geral.

Dólmen da Cabeçuda – Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

A Dólmen da Cabeçuda incluía-se num muro de divisão de propriedade. Dos esteios da câmara apenas dois não se encontravam fraturados e tombados. A cobertura esmagava todo o conjunto. O corredor apresentava quatro esteios e uma tampa. A pedra de guilhotina ainda fecha o vão que se forma sobre as tampas do corredor e o chapéu.

Recuperação do monumento:

A escavação deste monumento possibilitou reconhecer que os esteios da câmara se encontravam fraturados junto à base, tal como já se havia verificado no dólmen da Figueira Branca que se situa a poucas centenas de metros deste monumento. Ambos sofreram os efeitos de um terramoto, responsável pelo estado de derrocada em que se encontram.



Anta da Cabeçuda (Marvão) – após sua recuperação

Para o desenvolvimento da escavação foi necessário proceder à prévia desmontagem da parede que sobre a Dólmen se levantava. Com o auxílio de uma máquina removeu-se o chapéu e três dos esteios tombados. Aberto o acesso ao interior da câmara iniciou-se a decapagem controlada do depósito arqueológico. Os restantes esteios que se mantiveram no local foram primeiramente apoiados por postes de madeira e posteriormente por muros de pedra seca. Concluída a escavação procedeu-se à remontagem do monumento colocando-se na posição original os esteios fraturados. Foi necessário fazer assentar sobre as partes ainda inseridas nos alvéolos os fragmentos tombados. Ao fim de quatro dias de trabalho de máquina e do esforço de cinco homens conseguiram-se reerguer três esteios. Internamente apoiaram-se em muretes de pedra seca. Recuperada a posição original dos esteios ainda foi tentada a sobreposição do chapéu. Contudo, porque a estabilidade de todo o conjunto é precária e porque já nem todos os esteios apresentam as mesmas dimensões, optou-se por deixar o chapéu encostado na face poente da câmara. Refeita a mamoa em torno dos esteios cobriu-se toda a área intervencionada com terra crivada. Faltava, finalmente, refazer o muro de divisão de propriedade que anteriormente assentava sobre o dólmen. Para evitar que novamente seccionasse o monumento acordou-se com os proprietários dos terrenos proceder à construção de uma parede de pedra seca que envolvesse todo o monumento, incluindo a mamoa. Conseguiu-se, assim, evitar a construção de um muro sobre o monumento e ao mesmo tempo separavam-se as duas propriedades e defendia-se o dólmen dos efeitos dos trabalhos agrícolas. Construiu-se, pois, uma cerca circular, em pedra seca, com 120 centímetros de altura e um diâmetro de 12 metros que envolve todo o monumento. Duas aberturas viradas respetivamente a norte e a sul possibilitam o acesso ao dólmen da Cabeçuda pelos dois proprietários dos terrenos que confinam com o dólmen.

Dólmen I dos Coureleiros – Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

De entre os quatro monumentos que formam a provável necrópole dos Coureleiros o dólmen I parece ter sido o de menores dimensões. Apenas três esteios da câmara eram visíveis, dois dos quais fraturados junto ao solo.

Recuperação do monumento:

A escavação possibilitou reconstituir a planta total do monumento através da identificação dos alvéolos dos esteios já desaparecidos. Pouco se podia fazer por este monumento. Após a escavação procedeu-se à cobertura com terra crivada de toda a área afetada. Como a principal causa da destruição deste dólmen foram os trabalhos agrícolas que nada deixaram da mamoa, procedeu-se à vedação de todo o monumento com postes de madeira tratada unidos por arames de ferro zincado. Alguns anos depois voltámos a visitar o monumento e constatámos que a vedação por nós implementada tinha sido removida.



Anta II dos Coureleiros (Castelo de Vide) – após a sua recuperação

Dólmen II dos Coureleiros – Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

O estado de destruição e adaptação a pocilga deste dólmen é já testemunhado desde o século XIX. Em torno da câmara uma cerca de pedra definia a esplanada de uma pocilga. A câmara servia de abrigo aos animais. No espaço funerário apenas o esteio de cabeceira parece não ter sido afetado. O chapéu encontra-se tombado e fraturado no interior do monumento. Do corredor não nenhum vestígio se observava à superfície.

Recuperação do monumento:

Neste monumento apenas escavámos na área onde provavelmente se localizava o corredor e abrimos uma curta sondagem na área da mamoa, conseguimos, contudo, reconhecer toda a planta do corredor e compreender, em parte, a estrutura arquitetónica da mamoa. No corredor identificaram-se os alvéolos de fixação dos esteios e procedeu-se à reimplantação num deles de um grande bloco de granito que jazia a quatro metros a sul do monumento. Pelas dimensões verificou-se que correspondia a um dos alvéolos detetados. Na reimplantação deste monólito de grande peso (8560 Kg) utilizámos uma máquina cedida pela Câmara Municipal de Castelo de Vide. O esteio foi implantado e consolidado de forma idêntica ao do dólmen III. Após a escavação toda a área afetada foi coberta com terra crivada.

Dólmen III dos Coureleiros - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

Implantada numa zona de terrenos leves e muito trabalhados agricolamente, este dólmen sofreu os efeitos da lavoura mecanizada. Para além da destruição, nos últimos anos, de grande parte da mamoa e da metade norte do corredor, este sepulcro foi também alvo de profundas violações no interior da câmara que terão originado a fratura de um esteio e a queda de outro.

Recuperação do monumento:

Para além da remontagem de sectores significativos da mamoa e da sua posterior cobertura com terra crivada, procedeu-se à reimplantação no alvéolo original do esteio tombado. Esta operação foi realizada com o recurso à introdução de calços líticos em ambas as faces compactadas com saibro humedecido. Toda a área intervencionada foi posteriormente coberta com terra crivada. A violação detetada e que penetrou cerca de sessenta centímetros no solão foi preenchida com blocos de granito para consolidação do interior do monumento.

Concluída a consolidação da estrutura funerária procedeu-se à vedação do monumento com a utilização de postes de madeira tratada unidos por arames de ferro zincado. A área protegida das lavouras inclui todos os vestígios de mamoa detetados durante a escavação.

Dólmen IV dos Coureleiros – Castelo de Vide**Estado do monumento antes da intervenção:**

Nos finais do século XVI foi anexada ao monumento megalítico uma pequena casa de habitação, hoje transformada em palheiro. A câmara e corredor do monumento foram transformados numa pocilga. A câmara muito destruída apresenta os esteios fraturados e deslocados. Fragmentos da cobertura da câmara encontram-se tombados junto aos esteios.

Recuperação do monumento:

O trabalho desenvolvido neste monumento tendo em vista a sua recuperação centrou-se na desmontagem da parede da pocilga que limitava o monumento a nascente e ao rebaixamento geral das outras paredes, por forma a que se evidenciasse todo o monumento. A escavação efetuada na área do corredor possibilitou a recuperação da sua planta, ao mesmo tempo que se processou a desmontagem de uma já parcialmente destruída calçada, destinada a nivelar a pocilga e que cobria quase totalmente os esteios do corredor. A câmara transformada em abrigo para os animais tinha sido fechada com uma parede de pedra seca. Para libertar o monumento destes elementos descaracterizadores procedeu-se à desmontagem parcial dos muros recentes. A pedra retirada foi utilizada para calçar interiormente os esteios. Posteriormente toda a área escavada foi preenchida com terra crivada.

Dólmen do Porto Aivado – Castelo de Vide**Estado do monumento antes da intervenção:**

Um amontoado de blocos de granito é a imagem que se guarda deste monumento antes da escavação. Nenhum dos fragmentos de esteios que afloravam à superfície da terra se encontrava implantado em alvéolos. Na escavação efetuada identificaram-se dois pequenos fragmentos de esteios ainda integrados nas fossas de fixação e um outro que atendendo à profundidade a que se encontrava pareceu-nos poder considerá-lo também *in situ*. Devido às várias e profundas violações que este monumento sofreu ao longo dos tempos, não foi possível identificar mais alvéolos.

Recuperação do monumento:

O estado de destruição em que se encontrava este monumento e a ausência de negativos claramente identificados inviabilizaram a sua recuperação arquitetónica. Após a escavação deste dólmen procedemos unicamente à cobertura com terra crivada de toda a área afetada.

Dólmen do Sobral – Castelo de Vide



Anta do Sobral (Castelo de Vide) – após a sua recuperação

Estado do monumento antes da intervenção:

Este monumento, implantado junto à estrada que liga Castelo de Vide a Portalegre, apresentava-se rodeado de forte vegetação que o encobria e o chapéu encontrava-se tombado para sul.

Recuperação do monumento:

Embora não tivéssemos procedido à escavação deste monumento desenvolvemos uma curta campanha de limpeza e recuperação arquitetónica. Para além do corte

da vegetação que o encobria, com a ajuda de uma máquina recolocámos sobre o topo dos esteios o chapéu, conferindo-se assim ao dólmen do Sobral uma imagem que desde há muito havia perdido.

Dólmen da Soalheira – Alter do Chão

Estado do monumento antes da intervenção:

Este monumento encontrava-se coberto por enormes blocos de granito sobre ele depositados durante a construção duma pista para corridas de cavalos. A prévia existência de várias pedras tombada no terreno, isto é, um monumento megalítico parcialmente destruído, estimulou os operadores das máquinas durante a construção da pista de cavalos a servirem-se do mesmo local para depor as pedras que extraíam da obra. Assim, pouco se conseguia observar do monumento antes dos trabalhos de escavação e salvamento.



Anta da Soalheira (Alter do Chão) – após a sua recuperação

Recuperação do monumento:

Depois de se proceder à remoção dos blocos de granito recentemente depositados sobre a estrutura funerária iniciámos a necessária escavação do monumento. Rapidamente nos apercebemos que se encontrava muito destruída. Esteios fraturados e tombados misturavam-se com materiais de épocas posteriores. Observou-se que durante a Idade Média e durante o Período Romano o monumento

funerário neolítico foi utilizado como espaço de abrigo e profundamente alterado estruturalmente. Concluída a escavação procedemos à colagem de dois esteios da câmara que se encontravam fraturados e também à colagem dum menhir que se encontrava fraturado na área do monumento funerário, provavelmente reutilizado durante a construção do dólmen. Como desconhecíamos o local exato de implantação original do menhir erguemo-lo no interior dum suave abatimento que se encontrava a norte do corredor do espaço funerário. Para a colagem destas peças utilizámos pivots internos e garras externas unidos com resina epóxi. A cobertura da câmara funerária encontrava-se tombada e parcialmente truncada na área envolvente. Perante a existência de apenas dois esteios inteiros na área da câmara tornava-se impossível voltar a colocar a cobertura no seu local. Assim optámos por montar duas peças metálica no local onde se situaria o esteio de cabeceira já desaparecido para, conjuntamente com os dois esteios originais poderem suportar e equilibrar as quatro toneladas de peso do chapéu granítico. Toda a área escavada foi preenchida com as terras daí extraídas e, assim, recuperou-se dum monte de pedras informes um singular monumento funerário megalítico e um menhir que se encontravam completamente perdidos.



Anta da Horta (Alter do Chão) – após a sua recuperação

Dólmen da Horta – Alter do Chão

Estado do monumento antes da intervenção:

O dólmen da Horta apresentava quatro dos seis esteios ainda existentes na área da câmara tombados para o interior. Os dois que ainda se erguiam apresentavam uma inclinação muito acentuada apenas não tinham ainda tombado porque uma velha oliveira que crescia junto ao monumento suportava o peso destas peças graníticas. Da estrutura do corredor já nada restava. A mamoa, na face poente, encontrava-se truncada até à base para nesse local se pre-

parar o terreno destinado a exploração hortícola, de onde lhe advém o seu nome, Anta da Horta.

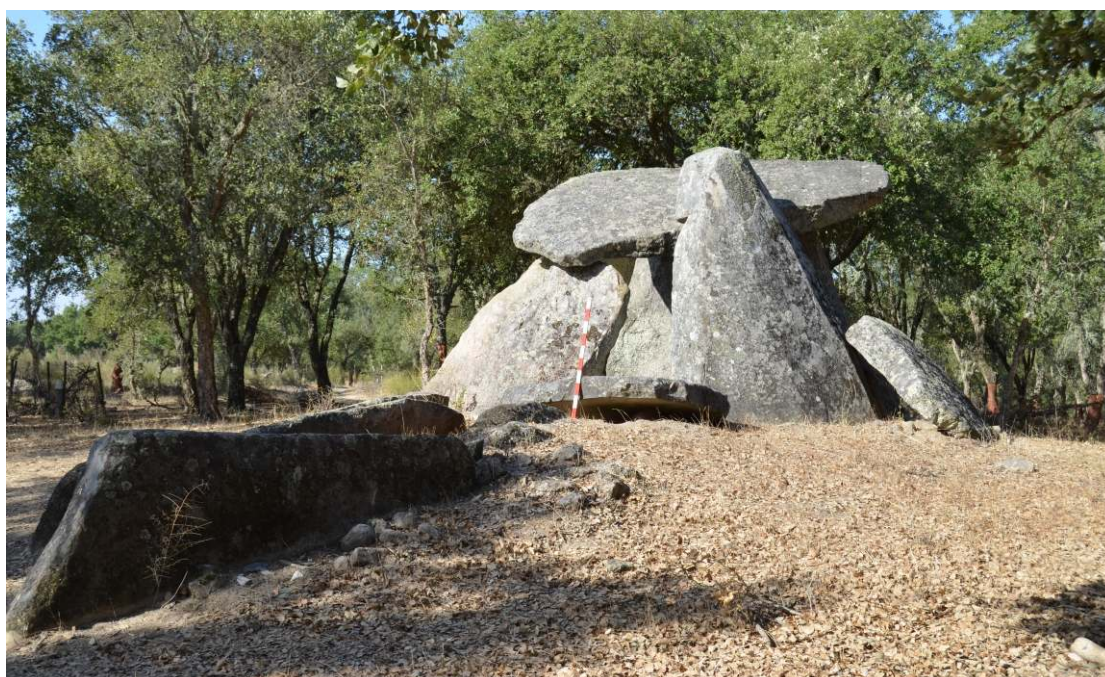
Recuperação do monumento:

Os trabalhos efetuados neste monumento destinavam-se originalmente a recuperar arquitetonicamente o dólmen para ser incluído num roteiro turístico. Assim, depois de se ter arrancado a velha oliveira procedemos à escavação integral do monumento para permitir a reimplantação dos esteios tombados nos alvéolos originais. Durante a fase de escavação foi possível recolher um espantoso espólio funerário, sobretudo na área do corredor, mas do qual já não restava nenhuma peça estrutural in situ. Os esteios da câmara e corredor foram reimplantados nos alvéolos originais e calçados com os mesmos blocos de granito que há mais de 5000 anos foram utilizados e todo o interior do monumento, até à altura do atual solo, foi preenchido com pedra e terra retirada durante a escavação. Por forma a estabilizar o corte na mamoa construiu-se um muro de pedra seca na face norte que posteriormente foi recoberto com terra. Com os trabalhos desenvolvidos neste monumento foi possível recuperar um importantíssimo espólio que hoje se exhibe em dois museus e reabilitar um monumento megalítico que se encontrava tombado e escondido sob as raízes duma velha oliveira.

Dólmen dos Saragonheiros I – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

Este grande monumento faz parte duma necrópole da qual hoje subsistem quatro dólmenes. A intervenção inicial levada a cabo deste sepulcro destinava-se, apenas, a avaliar se um dos esteios do seu longo corredor era, de facto, um menhir reutilizado. Confirmada essa suposição, procedemos, posteriormente, à abertura duma sondagem por entre os fragmentos de uma grande laje de granito que identificámos a cerca de 14 metros para poente do monumento. Outra laje semelhante encontra-se, também tombada, a idêntica distância, mas para sul do dólmen. A norte do monumento encontrava-se laje idêntica, desconhecemos a que distância, mas que não há muitos anos, para facilitar os trabalhos agrícolas, foi fraturada e a maior porção removida para junto do sepulcro.



Anta dos Saragonheiros (Nisa) – após a sua recuperação

Recuperação do monumento:

Tentando perceber qual o significado destas enigmáticas lajes abrimos uma estreita sondagem por entre os fragmentos da laje situada a poente. Nas terras compactadas imediatamente abaixo desta laje encontrámos três fragmentos de recipiente cerâmico com decoração vulgarmente denominada cardial. Porque para o estudo pormenorizado deste complexo e interessante monumento necessitávamos de recursos financeiros que não estavam inicialmente previstos pela entidade financiadora (Município de Nisa), limitámo-nos a tentar recolocar, sobre os esteios da câmara do monumento o grande chapéu, que há muito, tinha descaído para o lado Sul. Esta tentativa de reposição, a pedido da autarquia, e com o auxílio de uma gigante grua e duas retroescavadoras não foi globalmente conseguida porque a altura dos esteios da câmara não era idêntica, devido à fratura de um e ao abatimento para o interior de mais dois. Conseguiu-se, pelo menos, apoiar o chapéu sobre três dos esteios da câmara evitando que a aquele que suportava sozinho todo o peso da laje de cobertura viesse a colapsar pela linha de fratura que já apresenta. Esperamos conseguir mais apoios para continuar o estudo deste impressionante monumento, mas especialmente, compreender o significado das lajes que se situam no limite da mamoa e qual a provável relação das cerâmicas atribuíveis ao Neolítico mais antigo com o sepulcro, mas sobretudo com o grande fragmento de menhir reutilizado como esteio do corredor.

Dólmenes em xisto

Dólmen dos Pombais - Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

A Dólmen dos Pombais apresentava-se com quatro esteios da câmara tombados para o interior e os restantes muito fraturados nos topos. O chapéu, único elemento em granito, descansava sobre os esteios tombados. Todo o seu perímetro tinha sido alvo de cortes para extração de pedra. No corredor apenas os esteios da face sul se encontravam praticamente intactos. Com a escavação efetuada na mamoa confirmou-se que esta se encontrava completamente destruída na metade norte.

Recuperação do monumento:

Para a realização da escavação no interior do monumento houve necessidade de se proceder à remoção da cobertura da câmara e ao levantamento dos esteios tombados. Aquando da queda destes, parte da mamoa que lhe servia de contrapeso foi deslocada e arrastada.

Após a escavação reimplantaram-se nos respetivos alvéolos os esteios tombados. Embora se tivesse procedido à remontagem da mamoa onde se apresentava destruída, lado sul, esta já não possuía altura suficiente para possibilitar a estabilidade dos esteios agora reimplantados. Mesmo assim, no interior dos alvéolos, consolidámos os esteios com auxílio de terra crivada e utilizámos os calços líticos originais. Para completar a estabilização da câmara funerária e de parte do corredor fomos obrigados a construir uma estrutura de pedra seca no interior do monumento à qual se encostaram estes esteios. A atual diferença de alturas dos monólitos e a truncagem no perímetro do chapéu inviabilizaram a sua reposição sobre a câmara, ficando tombado sobre a mamoa. Toda a área escavada foi recoberta com a terra crivada.



Anta da Fonte da Pipa (Nisa) – escavação

Dólmen da Fonte da Pipa – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

Tal como a dólmen da Nave do Padre-Santo também esta foi afetada pela florestação com eucaliptos. Do monumento após a sua destruição nada mais restava à superfície do que alguns fragmentos de esteios tombados e dois blocos de xisto que ainda pareciam conservar-se no local original. Da mamoa nada restava. Valas profundas tinham sido abertas, quer na mamoa, quer no espaço interno do monumento.

Recuperação do monumento:

Uma cuidada escavação possibilitou recuperar os alvéolos dos esteios desaparecidos ou arrancados. Se a recuperação gráfica da planta do monumento ainda foi possível, a sua recuperação arquitetónica tornou-se completamente inviável. Apenas um fragmento de um esteio que se encontrava tombado próximo de um dos alvéolos foi reimplantado. Após a escavação toda a área foi recoberta com terra crivada.

Dólmen da Nave do Padre Santo – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

Todos os investigadores que anteriormente já haviam noticiado este monumento foram unânimes ao considerá-la como a de maiores dimensões da freguesia de Montalvão. Tal como mais de duas dezenas de sepulturas megalíticas desta freguesia, também esta foi afetada pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos. Dos esteios de xisto que formavam este sepulcro apenas um fragmento do de cabeceira se encontrava ainda implantado no alvéolo. Os restantes, muito fraturados foram dispersos por uma grande área. A mamoa foi totalmente destruída.

Recuperação do monumento:

A recuperação possível deste monumento limitou-se à definição da sua planta através dos alvéolos e à recolha do espólio que ainda se mantinha na área decapada. Foi impossível proceder à reimplantação de qualquer esteio devido ao estado de destruição geral do monumento. Por forma a evidenciar o local na atual paisagem povoada de eucaliptos procedeu-se à concentração possível dos fragmentos de esteios junto ao de cabeceira e cobriu-se toda a área com gravilha de calibre médio.

Dólmen da Lomba da Barca – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

O dólmen da Lomba da Barca apresentava apenas quatro esteios da câmara. Da mamoa ainda eram visíveis vestígios junto ao esteio de cabeceira. Na área do corredor já nada restava.

Recuperação do monumento:

Com o desenvolvimento da escavação foi possível identificar, quer os alvéolos dos esteios da câmara já desaparecidos, quer os do corredor. No interior de um dos alvéolos da câmara ainda se identificou parte de um esteio. Concluída a escavação procedeu-se ao enchimento dos alvéolos com pedra miúda e construiu-se uma pequena parede de pedra seca no interior do monumento para reforço dos esteios. Toda a área escavada foi coberta com terra crivada.

Dólmen da Charca Grande de la Regañada – Cedillo



Anta da Charca de la Regañada (Cedillo) – reimplantação dum esteio do corredor

Estado do monumento antes da intervenção:

Este monumento será, eventualmente, o de maiores dimensões situado no termo Municipal de Cedillo. Quando o identificámos apenas afloravam à superfície o topo de quatro esteios da câmara e vários blocos de quartzito leitoso de dimensões médias colocados, não há muitos anos, junto aos esteios. Os depósitos destes grandes blocos de quartzito junto aos esteios resultaram da limpeza do terreno devido às práticas agrícolas. Do corredor nada era visível.

Recuperação do monumento:

No decurso da escavação deste monumento funerário foi identificado o corredor constituído por dois esteios de grande dimensão a que se juntavam na zona terminal vários outros pequenos monólitos, todos de xisto. Os de maior dimensão encontravam-se muito tombados para o interior e os mais pequenos apresentavam-se arrancados e parcialmente deslocados dos seus alvéolos. Na câmara também dois dos esteios estavam muito inclinados para o interior e um apresentava grandes fissuras na parte superior. Em toda a área envolvente da câmara e corredor foi removida a terra superficial o que nos permitiu compreender a dimensão e técnica construtiva da mamoa pétrea. No limite sul da mamoa identificámos um lajeado formado por blocos de xisto. Terminada a sondagem arqueológica promovemos a implantação nos seus alvéolos os pequenos esteios que se encontravam deslocados na zona terminal do corredor, assim como o reposicionamento dos esteios da câmara e corredor. Porque os recursos eram muito limitados procedemos à estabilização do esteio fragmentado do corredor apenas com recurso a cimento cola. Tendo-se compreendido a técnica construtiva da mamoa, procedemos à sua recuperação.

A estrutura pétrea da mamoa foi remontada recorrendo-se para esse fim aos blocos de xisto dispersos pela lavoura, sobre os quais depositámos uma camada de terra crivada. Apenas na metade norte da mamoa recolocámos uma camada de pequenos blocos de quartzo que originalmente revestiam toda a colina tumular. Esta estratégia de reabilitação do monumento foi acordada com o Ayuntamiento de Cedillo e com o parecer favorável dos arqueólogos da Junta da Extremadura. O interior do espaço funerário foi preenchido por blocos de xisto intervalados por camadas de terra crivada até meia altura



Anta da Charca de la Regañada (Cedillo) – após a sua recuperação

possibilitando, assim, a estabilização da estrutura dolménica. A restante área onde interviemos na zona da mamoa foi novamente coberta com terra crivada. No átrio do monumento identificámos outra estrutura lítica, mas que não foi devidamente compreendida para evitar que afetássemos as raízes duma velha sobreira que aí se erguia. Os esteios do monumento que foram replantadas nos seus alvéolos foram compactados apenas com terra crivada e com os calços originais que ainda se conservavam no local.

A estratégia adotada na remontagem da mamoa destinou-se a informar os visitantes do monumento sobre a forma de construção da colina tumular.

Dólmen da Joaninha – Cedillo

Estado do monumento antes da intervenção:

Este dólmen, totalmente obtido por lajes de xisto, que justapostas formam um monumento em forma de saco, apresentava-se relativamente bem conservado, embora, como ocorre em praticamente todos os monumentos de xisto já nenhuma cobertura do espaço funerário subsistisse. Na área envolvente do monumento observavam-se os comuns blocos de quartzo leitoso que originalmente revestiriam toda a mamoa, permitindo a sua sinalização a grande distância.

Recuperação do monumento:

Após a escavação do interior do espaço funerário e de um sector da mamoa, que nada afetou a estrutura funerária, procedemos à reposição das terras no interior do monumento e recobrimos a sondagem da mamoa com a mesma terra. Procedemos, igualmente ao carreamento dos blocos de quartzo que se dispersavam para além do perímetro da mamoa para junto monumento e, finalmente com pilares de madeira e rede ovelheira delimitamos o monumento evitando que trabalhos agrícolas o viessem a afetar.

Dólmen da Eira dos Guardas – Cedillo**Estado do monumento antes da intervenção:**

Este pequeníssimo monumento funerário apresentava todos os seus diminutos esteios abatidos para o interior, selando, praticamente o acesso ao seu interior. Da mamoa observavam-se alguns blocos de quartzo leitoso dispersos pela área envolvente.

Recuperação do monumento:

Desde a nossa identificação deste monumento a comunidade rural sempre nos disse que se tratava dum "hornillo" feito pelos portugueses que no seu interior confeccionavam as refeições na época da ceifa. Na verdade, assim que iniciámos a remoção dos esteios tombados para o interior identificámos várias camadas de cinza e fragmentos dum "prato ratinho". Só a maior profundidade conseguimos identificar materiais líticos neolíticos, contemporâneos, portanto, da construção do pequeno sepulcro.



Dólmen da Eira dos Guardas – Cedillo – Escavação

A reabilitação do monumento resumiu-se à colocação na posição original dos pequenos esteios nos seus alvéolos sendo compactados por terra crivada e ao preenchimento do espaço funerário também por terra crivada. Por fim carregámos para junto do monumento os blocos de quartzo que se dispersavam para lá da área da mamoa.

Dólmen dos Quatro Lindones – Cedillo**Estado do monumento antes da intervenção:**

Este monumento que se localiza no limite de quatro antigas propriedades, situação da qual decorre o seu nome, apresentava a estrutura lítica suficientemente estável embora no interior se reconhecessem vários abatimentos resultantes de antigas violações.

Recuperação do monumento:

Após a escavação do interior do monumento e da abertura de sondagens na área da mamoa, o interior foi preenchido com blocos de quartzo que se dispersavam na área envolvente, decorrente da destruição da mamoa devido aos trabalhos agrícolas. Posteriormente foi recoberta a área escavada da mamoa e também o interior do espaço funerário com a terra crivada.

Metodologia genérica adotada na escavação e reabilitação de menhires

Para além das ações de reabilitação em monumentos megalíticos funerários também efetuámos a reabilitação de vários menhires no norte do Alentejo que a seguir, sumariamente, descrevemos. Os trabalhos de escavação desenvolvidos junto à base dos menires da Água da Cuba, Carvalhal, Meada, Patalou e Saragonheiros obedeceram, genericamente, a metodologias idênticas. Em qualquer destas ações procurou compreender-se o processo de implantação e de fixação do monólito, a par da recolha de elementos que, de alguma forma, pudessem contribuir para a sua datação. Antes de se efetuar qualquer

movimentação de solos, para além do levantamento topográfico e fotográfico e da limpeza por raspagem do coberto vegetal, estabeleceram-se dois eixos ortogonais, orientados nos sentidos Norte-Sul e Este-Oeste, magnéticos, fazendo-se coincidir a sua interseção com uma zona o mais próximo possível da base do monumento. Paralela a estes dois eixos estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado.



Menhir do Patalou (Nisa) – antes da sua recuperação

O posicionamento do monólito o mais próximo da interseção dos dois eixos possibilitou que se desenvolvesse a escavação em quadrados alternados, obtendo-se assim vários cortes estratigráficos. Atendendo-se a rocha e registados gráfica e fotograficamente as estratigrafias, iniciava-se a decapagem dos outros quadrados opostos, por unidades estratigráficas. Se o processo inicial de escavação foi idêntico em todos os menires estudados, o seu desenvolvimento foi já completamente diverso. No menir da Água da Cuba guardou-se como testemunho o quadrante sudeste, procedendo-se à escavação dos outros três quadrantes até se atingir o solão, formado por um granito muito alterado. Nas imediações da base deste monólito, e sobre o solão, identificámos alguns blocos de granito, algo rolados, geralmente a uma profundidade que variava entre os setenta e os oitenta centímetros. Estes blocos de origem coluvial e com evidentes sinais de meteorização nada tinham a ver com a implantação do menir.

Na escavação efetuada junto do menir do Carvalhal utilizou-se a mesma metodologia, embora não se tivesse guardado mais reserva que não fosse a metade sul da fossa de implantação. A escavação em toda a área deste monólito justificou-se pela necessidade que tínhamos de confirmar a existência, ou não, de alvéolos, ou ortóstatos fraturados nas suas imediações e que possibilitasse esclarecer, de vez, se se tratava dum menhir-estela, ou do último esteio sobrevivente de algum dólmen, como alguns investigadores afirmavam.

Os trabalhos desenvolvidos em torno do menir da Meada decorreram de forma idêntica aos anteriormente descritos. A ação de recuperação programada para este monólito implicou a integral escavação da área envolvente e a desmontagem de toda a estrutura de apoio que se incluía no estreito alvéolo. Numa área de dezasseis metros quadrados em torno do fragmento ainda implantado, extraiu-se toda a terra, ficando a descoberto o solão de base.

No menhir do Patalou, porque se encontrava tombado houve necessidade de se escavar toda zona onde situava o alvéolo, mas, mesmo assim preservou-se como testemunho o quadrante sudoeste.

O menhir dos Saragonheiros porque se encontrava incorporado na estrutura do corredor do dólmen, com o mesmo nome, obrigou a uma escavação integral da área envolvente por forma a avaliar se o seu alvéolo original deste menhir se encontrava nas imediações, o que não se veio a registar. Vejamos agora, mais pormenorizadamente, os trabalhos desenvolvidos na reabilitação de dois dos menhires mais significativos desta região e que permitiram datá-los, o Menhir da Meada e o Menhir do Patalou.



Menhir dos Saragonheiros (Nisa) – escavação

Menir da Meada – Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

O menir encontrava-se fraturado em duas partes. A maior tombada para poente pouco se afastava da parte ainda incluída no alvéolo. Este fragmento, de menores dimensões, apresentava uma ligeira inclinação também para poente. As superfícies de contacto encontravam-se muito deterioradas, quer pela ação dos elementos, quer pela ação do fogo.



Menhir da Meada (Castelo de Vide) – antes da escavação

Recuperação do monumento:

Constatado que o alvéolo e os calços existentes eram insuficientes para garantir a estabilidade necessária ao equilíbrio de todo o monumento, procedeu-se ao alargamento do alvéolo e à colocação na vertical do fragmento ainda introduzido na fossa de fixação. Este alvéolo foi alargado em cerca de cinquenta centímetros em torno do monólito, construindo-se com cimento, pedra, brita e areia uma sapata suficientemente sólida. Esta estrutura de consolidação atingiu uma altura de 130 centímetros desde a base do menir. Em forma de calote de esfera possui um diâmetro de cerca de 3,20 metros, envolvendo completamente o monumento. Após duas semanas de secagem retomaram-se os trabalhos com a abertura de três furos transversais à base do menir onde se introduziram três barras de aço envolvidas em resina epóxi e pó de granito para consolidação de uma linha de fratura. Todas as fissuras foram fechadas com a mesma cola e o mesmo pó de pedra. Consolidada a fratura procedeu-se à preparação das superfícies de contacto. O elevado grau de deterioração da rocha obrigou à extração de uma camada de cerca de dez a quinze centímetros em ambas as superfícies. Quando se obtiveram superfícies estáveis abriu-se em cada



Menhir da Meada (Castelo de Vide) – construção de sapata de betão



Menhir da Meada (Castelo de Vide) – união das duas porções

uma um furo centrado onde se introduziu um cilindro de aço tratado com 4,5 centímetros de diâmetro e 120 centímetros de comprimento. Ao fragmento do menir que se encontrava tombado colou-se, de imediato e com os produtos anteriormente descritos, o *pivot* central. No fragmento *in situ* procedeu-se à abertura de um furo com o dobro do diâmetro da barra de aço. Esta diferença de diâmetro destinou-se a possibilitar a afinação de acerto no momento da união. Cerca de quinze centímetros abaixo do relevo identificador da glândula pênica que se observa na extremidade do menhir abriram-se quatro furos destinados a receber as garras de amarração para levantamento do bloco de granito que se encontrava tombado. A união dos dois fragmentos que começou a ser preparada desde o dia 14 de Junho de 1993 efectivou-se, unicamente, no dia 25 de Setembro, com o auxílio de duas máquinas cedidas por uma pedreira local. Ao fim de várias tentativas foi possível erguer a parte superior e uni-la à restante através, mais vez, de resina epóxi que envolveu o pivot central e os calços de granito que entre as duas partes foi necessário colocar para estabelecer o equilíbrio de todo o conjunto. Cinco garras de aço embutidas na face exterior reforçaram a união. Algum cimento, cola de pedra e pequenos blocos de granito possibilitaram o enchimento necessário para a recomposição do menhir e ganhar o perfil mais próximo do original. Conseguiu-se, assim, recuperar o maior menhir da Península Ibérica e o primeiro a ser datado.



Menhir da Meada (Castelo de Vide) – 30 anos após a sua recuperação

Menhir dos Patalou – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

O menhir do Patalou encontrava-se tombado numa suave encosta virada a Este. Com quatro metros de comprimento este bloco granítico de forma assumidamente fálica apresentava na superfície superior vestígios de quatro covinhas. Junto ao menhir ergue-se uma jovem sobreira.

Recuperação do monumento:

Em colaboração com o Município de Nisa programou-se um projeto de reimplantação deste menhir tendo como principal objetivo a sua fruição pública. Paralelamente, importava identificar eventuais materiais datáveis que nos ajudassem a posicionar cronometricamente a ereção do monólito e perceber a técnica de implantação no terreno. Mais uma vez procurou-se deixar uma reserva científica o que nos levou a escavar apenas três quadrantes determinados pela interceção dos dois eixos ortogonais organizadores da escavação que se cruzavam junto à base do menhir. Durante a escavação foi possível identificar uma lamela em sílex e um bloco de corneana naturalmente afeiçãoada que terá sido utilizado para abrir, originalmente, o alvéolo de fixação do menhir. Também no fundo do alvéolo em condições excecionais de conservação, numa concentração de argila com que foi estabilizado o menhir recolheu-se uma pequena porção de madeira carbonizada que submetida a datação resultou na idade de: Cal BP 6290 a 6185, data que veio confirmar a anteriormente obtida para o Menhir da Meada de: Cal BP 6960 a 6760. Estas datações únicas para este tipo de monumentos, vieram confirmar o que há já alguns anos se

considerava como aceitável que era a muito maior anterioridade dos menhires isolados em relação aos dólmens. Efetuada a escavação havia que reerguer o menhir no alvéolo original. Contudo, porque o solo atual apresenta uma potência significativamente inferior ao que existiria nos inícios do 5º milénio antes de Cristo, haveria que aprofundar e, por esse motivo destruir o registo do alvéolo original para se obter uma fossa que sustentasse de pé e em segurança os 4 metros de altura deste monumento. Por outro lado, junto ao alvéolo original encontra-se uma sobreira cujas raízes invadiram toda a área. Para reerguermos o menhir no mesmo local seríamos obrigados a abater a árvore que é uma das espécies protegidas pela lei portuguesa. Assim, para evitar a destruição do alvéolo original e o abate da sobreira, optámos por reerguer o menhir a seis metros para norte do local original, colocando-se nesse sítio um pequeno marco granítico que informa o posicionamento primitivo do monumento. Para a reimplantação do menhir procedeu-se à abertura duma fossa com 80 centímetros de profundidade, que corresponde à extensão da porção do monólito que originalmente estava inclusa na terra e que nos foi possível detetar pela análise do desgaste da superfície do menhir que estava em contacto como o solo.

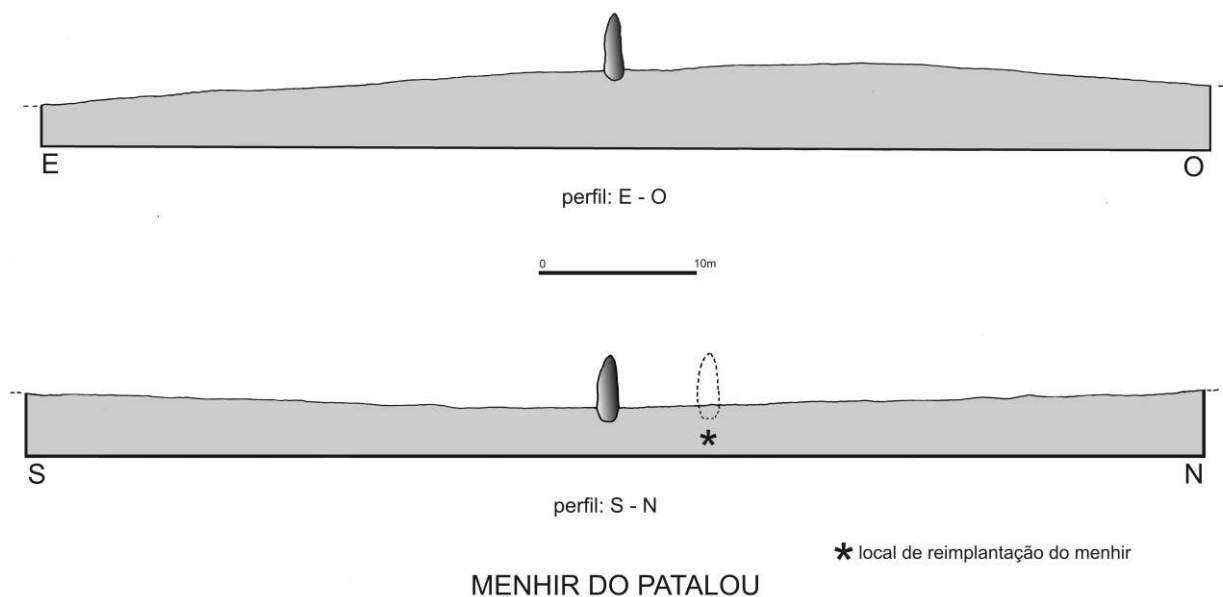


Menhir do Patalou (Nisa) – identificação do alvéolo



Menhir do Patalou (Nisa) – em fase de reimplantação

Durante a escavação percebemos que para a fixação original do menhir apenas foi utilizada, no interior do alvéolo argila compactada sem recurso a qualquer calço de pedra. Assim, na nova reimplantação socorremo-nos apenas de pó de pedra recolhido numa pedreira próxima, compactado com auxílio de água. Ficou, assim, reerguido o Menhir do Patalou, junto do qual se montou um painel explicativo para informação de todos os que quiserem visitar o monumento.



Menhir do Patalou (Nisa) – perfis



Menhir do Patalou (Nisa) – após a sua recuperação

Conclusão

A diversidade de situações em que se encontram os monumentos contribuiu para que não se tivesse recorrido a uma única metodologia de escavação. A melhoria do equipamento, a nossa crescente experiência e a problematização das situações decorrentes das diversas ações contribuíram também para que diferentes formas de abordagem dos monumentos fossem ensaiadas. Procurou-se, acima de tudo, recolher o maior número de informações evitando colocar em perigo a estabilidade arquitetónica. Na recuperação das sepulturas megalíticas procuraram-se sempre soluções reversíveis. Nunca se utilizaram materiais exógenos. Constatou-se que a recuperação dos monumentos afetados pela plantação de eucaliptos só muito parcialmente é possível efetuar. Como causas para essa dificuldade encontramos o elevado grau de destruição das mamoadas e fratura dos esteios e a fragilidade do xisto em que foram talhados. O recurso à construção de muros de pedra seca foi o processo mais utilizado na recuperação dos alçados originais. Se excetuarmos o Dólmen do Sobral e em parte o dos Saragonheiros 1, em mais nenhum caso foi possível proceder à colocação da cobertura sobre os esteios da câmara sem recurso a escavação prévia. Este facto ficou-se a dever, não tanto à dificuldade de os elevar, mas às diferentes alturas que hoje os esteios apresentam, sendo necessário, na maioria das vezes proceder à sua reimplantação e isso só é possível com recurso à escavação integral do monumento. A recuperação de falhas nas mamoadas só foi executada em monumentos onde conhecíamos a técnica utilizada. Procurou-se, naturalmente, evitar a implantação de esteios em alvéolos aos quais não tivéssemos a certeza de pertencerem. Preferimos manter tombados os elementos líticos de um dólmen a inventar um novo monumento.



Anta da Soalheira (Alter do Chão) – após a sua recuperação

A recuperação dos menhires implicou, como vimos, estratégias diferentes. O da Meada foi o que obrigou a uma metodologia mais intrusiva, mas a sua grande volumetria e sobretudo o estado de fissuração do granito obrigou-nos a utilizar técnicas de colagem e fixação que dificilmente serão reversíveis. Pelo contrário, no menhir do Patalou tudo foi preservado, desde a fossa de implantação original à técnica de implantação.

Ao longo de quase quarenta anos de direção de trabalhos arqueológicos maioritariamente dedicados ao megalitismo procurámos sempre apreender o máximo de informação possível durante a fase de escavação mas, paralelamente, nunca descurámos a obrigatória necessidade de consolidar, ou reabilitar os monumentos objeto de estudo, sacrificando, muitas vezes mais tempo e dinheiro com essas ações do que com a investigação propriamente dita, tentando sempre responder às normas expressas na "Carta de Veneza", aprovada pelo ICOMOS, em 1964.

Bibliografia

- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- BUENO, Primitiva (1988); Los Dolmenes de Valencia de Alcantara, Excavaciones Arqueologicas en España nº155, Ministerio de Cultura, Madrid.
- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- LEISNER, George e Vera (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.
- Lopes, Flávio; Gouveia, Miguel Brito (1964); Tradutores da *Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios*, ICOMOS, Veneza, 25 a 31 de Maio de 1964.
- Oliveira, Jorge de; Dias, Ana C. (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Edição da Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- Oliveira, Jorge de (1995); *Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres* - Edicion del Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- Oliveira, Jorge de (1997); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 1º Vol. - edição bi-lingue, patrocinada pelas Câmaras de Marvão, C. de Vide, Nisa, V. de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo e pela Delegação Regional do Ministério da Cultura, Ed. Colibri, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2006); *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*, Ed. Colibri / Universidade de Évora, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de; PARREIRA, João; PEREIRA, Sérgio (2007); *Nova Carta Arqueológica de Marvão*, Nº. especial da *Ibn Maruán*, Ed. C.M. de Marvão / Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); "Territórios e Variabilidade Megalítica no Nordeste Alentejano", *Actas do 1.º Encontro – Transformação e Mudança*, UNIARQ, Cascais-Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); "Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. I, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); "Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever", *Actas do 2º Congreso de Aqueologia Peninsular*, Zamora.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); "As pequenas antas de Montalvão e Cedillo", *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Monsaraz*, C.M. de Reguengos de Monsaraz e UNIARQ, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge; OLIVEIRA, Clara (1999); "Continuidade e Rupturas do Megalitismo no Distrito de Portalegre", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge (1999); "Economia e Sociedade dos Construtores de Megálitos da Bacia do Sever", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge de (2001); "O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo", *Muitas antas pouca gente? Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa. 2001
- OLIVEIRA, Jorge de (2003); "A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano", *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, (ed. electrónica).
- OLIVEIRA, Jorge de; Moitas, E; OLIVEIRA, Clara (2007); "Monumentos Megalíticos do Concelho de Arronches", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); "Coudelaria de Alter – 3 anos de trabalhos arqueológicos", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de; RIBEIRO, Margarida; PINTO, Mário (2007); "Património Arqueológico em Nisa - Revisão do PDM", *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); The Tombs of the Neolithic Artist-Shepherds of the Tagus Valley, *Actas da I Reunión de Estudios sobre la prehistoria reciente en el Tajo internacional*, BAR nº S 1765.

- OLIVEIRA, Jorge de (1995); "A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide", *Ibn Maruán*, n.º 5, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998); "Antas e Menires do Concelho de Marvão", *Ibn Maruán*, n.º 8, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000); "A Anta II de S. Gens – Nisa, *Ibn Maruán*", n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000); "A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide", *Ibn Maruán*, n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2000); "Menires do Distrito de Portalegre, *Extremadura Arqueológica*", Número Especial de Homenagem a Elías Diegués, Cáceres.
- *Coureleiros*, (brochura de informação turística), C.M. de Castelo de Vide.

